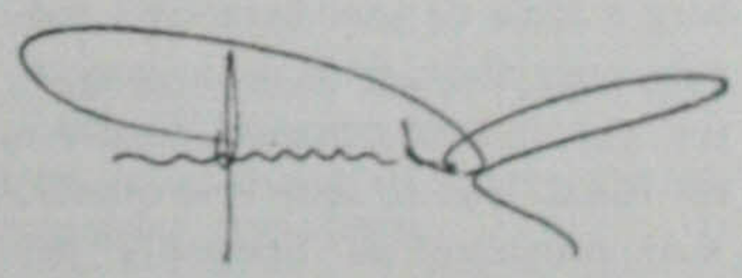
Industriais precisam-se

Na perspectiva de modernizar o País, desenvolvem-se actualmente várias medidas na organização de Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP), enquadradas em infraestruturas, formação profissional, incentivos ao reequipamento das empresas, engenharia financeira, produtividade, qualidade e design industrial.

No que respeita às infraestruturas de apoio operacional e dinamização das actividades industriais distinguem-se dois domínios de actuação. Um refere-se às infraestruturas de base, que devem facilitar a operacionalidade de movimentação das empresas no território nacional, tendo em conta os principais estrangulamentos rodoviários, ferroviários ou portuários para o transporte de produtos industriais, além de eventuais suportes à difusão desses produtos pelos mercados nacionais e estrangeiros, desde a logística dos transportes de médio e grande alcance até à divulgação tecnológica em pavilhões de exposição e salas de conferências ou colóquios. O outro âmbito de actuação tem a ver com a dinamização permanente das próprias actividades industriais, através de criteriosas infraestruturas tecnológicas.

Em Portugal criou-se muito a esperança das empresas receberem uma «ajuda oficial» que lhes permita sobreviver ou penetrar nos mercados. Em contrapartida, a integração numa economia de mercado aberto exige que cada empresa faça o seu marketing mais eficiente e mantenha uma atitude de autonomia competitiva. Quer isto significar que a implementação de infraestruturas tecnológicas não deve ser uma simples «oferta oficial» a ser rejeitada ou tomada por quem quiser e a seu bel-prazer. Cada infraestrutura deverá ser antes a expressão de um desejo do universo industrial. Os empresários é que terão de apontar os mecanismos estruturais que melhor servem as suas aspirações enquanto industriais. Por isso, a génese das infraestruturas tem forçosamente que ser aberta, deixada à iniciativa privada, com gestão pertencente maioritariamente a empresas e associações empresariais, ainda que em estreita ligação com outros parceiros institucionais, como universidades, laboratórios estatais ou autarquias locais. De facto, a associação privada de interesse público constitui o paradigma ideal para as infraestruturas tecnológicas. Com este princípio, aquilo que Portugal conseguir fazer com as verbas comunitárias não será mais considerado como uma «dádiva oficial». Pelo contrário, a iniciativa privada, em regime de associação de interessados, assume o papel activo e dinamizador, responsável pela contribuição parcelar na melhoria da qualidade e competitividade da produção. Os industriais são indispensáveis neste processo de modernização.

Mas a empresa moderna é cada vez mais organizada como um «sistema» científico e tecnológico, onde as interacções se controlam por mecanismos eficazes de detecção e comando com base nas novas tecnologias. Daí a necessidade de intensificar o relacionamento entre a indústria e a investigação. As novas tecnologias transferem-se para a produção industrial a partir dos conhecimentos desenvolvidos pelos investigadores ao longo dos anos e após a sua assimilação em produtos e serviços. Neste processo de endogeneização industrial das novas tecnologias participam diferentes tipos de infraestruturas tecnológicas, conforme os objectivos prosseguidos, como Centros Tecnológicos nos âmbitos sectoriais ou Centros de Transferência em áreas multi-sectoriais e pluridisciplinares, entre outros tipos pertinentes. Em qualquer caso, porém, evidencia-se uma forte ligação entre investigadores e empresários industriais. O sistema científico e tecnológico, tradicionalmente amuralhado nos claustros universitários, tem que se intersectar com o sistema industrial. Esta tendência histórica parece inegável. Os investigadores portugueses já detectaram esta característica, fertilizada pelas novas tecnologias. Resta aos industriais perceber a importância prática do novo relacionamento entre a Indústria e a Investigação, para um trabalho de cooperação recíproca.

Não basta a predisposição de universitários nem a intenção governamental para dar a melhor utilização aos dinheiros comunitários: torna-se indispensável a presença decidida dos industriais em projectos inter-institucionais. Eis o sentido de conjugação de esforços que aproveita as sinergias nacionais.